

## GESTÃO FAVA

# Um saldo negativo

Sempre que uma autoridade cumpre a sua gestão no cargo que assumiu, por força de nomeação ou mandato, sua atuação é avaliada. A avaliação é inerente ao exercício da democracia e deve ter critérios claros, para não ser injusta. Para avaliar a administração do professor doutor Flavio Fava de Moraes na Reitoria da USP vamos nos ater às medidas que poderiam ter sido implementadas para o fortalecimento da Universidade. No ensino, quase nada foi realizado seja no fortalecimento das atividades docentes, seja na valorização do trabalho do professor. Os 40% de professores com contratos precários continuaram sendo ignorados pela administração do professor Fava, que transfere, assim, o ônus da resolução desse grave problema trabalhista para a próxima administração. Como se sabe, estes docentes não gozam de nenhuma segurança em relação à continuidade de trabalho e, tampouco, de nenhum benefício previsto na própria CLT, caso seus contratos não sejam renovados.

Outro problema agravado na administração que se encerra dia 25 foi a contínua desvaloriza-

ção do RDIDP e da remuneração dos docentes e servidores da universidade. Os salários encontram-se achatados, sendo que as instituições privadas de ensino superior conceituadas remuneraram, atualmente, bem melhor do que a USP, pelas mesmas tarefas e períodos.

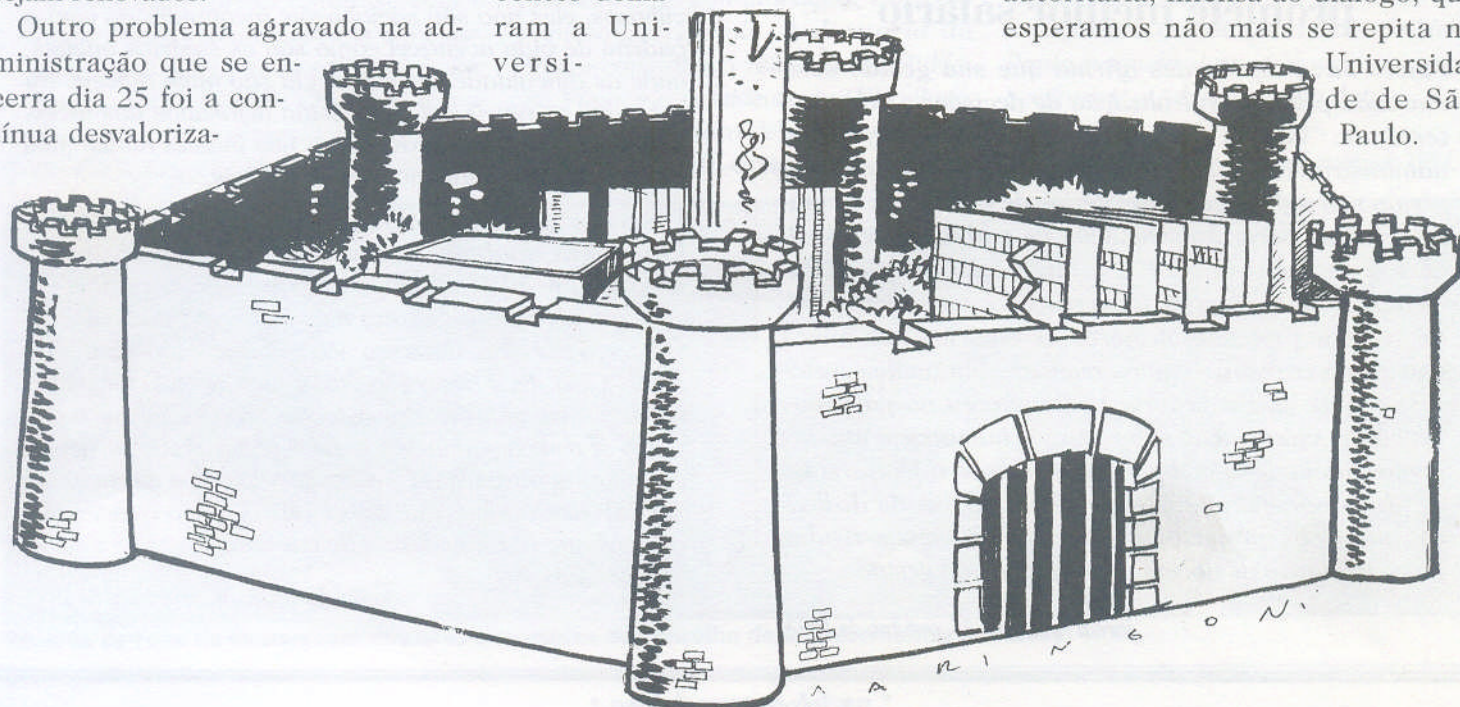
Os docentes da USP foram obrigados a fazer duas greves na defesa de seus salários, uma em 94 e outra em 96. A falta de empenho do reitor na busca de soluções para o problema salarial ficou patente na forma autoritária como o professor Fava se conduziu como membro do Cruesp ou como seu presidente. Tendo falhado no diálogo e nas respostas às reivindicações dos docentes, o reitor não hesitou em processar o então presidente da Adusp, professor Marco Brinati, por ter tido a coragem de apontar, cumprindo deliberação de assembléia da entidade, a falta de seriedade do reitor no trato da questão salarial.

Por falta de perspectivas sobre o futuro de seus salários, vários docentes deixaram a Uni-

versidade. Os que dispunham de condições para se aposentar, pressionados também pela desastrosa proposta de reforma da Previdência, foram embora. Assim, a USP perdeu cerca de 500 professores. Esses claros não foram preenchidos e está havendo uma sobrecarga exagerada de atividades docentes na maioria dos departamentos.

A Universidade negligenciou, ainda, o tempo todo, o seu relacionamento com as comunidades que a cercam. O muro da exclusão ampliou-se. O campus tornou-se um canteiro de obras mal administrado, vedado à comunidade nos fins de semana. A falta de sensibilidade da administração no relacionamento externo e no preparo de seus seguros contribuiu para a tragédia que veio enodoar a universidade, nos últimos dias da atual administração: a morte do garoto Daniel Pereira de Araújo. Infelizmente, estes problemas foram os que mais marcaram uma administração autoritária, infensa ao diálogo, que esperamos não mais se repita na

Universidade de São Paulo.





# Piores momentos da gestão Fava

Com o propósito de relembrar os momentos marcantes da gestão Flávio Fava de Moraes, e que de forma direta afetaram a vida da comunidade da USP, esta edição reproduz trechos significativos publicados nos veículos de comunicação da Adusp. A gestão Fava teve início com a afirmação de que ele foi eleito "sem nenhum compromisso com nenhuma pessoa" e termina com a morte, na raia, do garoto Daniel Pereira de Araújo.

## “Minha candidatura é estritamente acadêmica”



Ex-governador Fleury e Fava

se esse modelo for aprovado, eu terei um grande desafio para com a participação de todos em tentar contribuir com a USP.

Jornal Adusp, nº 34, setembro de 1993.  
Entrevista como candidato a reitor.

## Fava é nomeado e promete melhor salário

Flávio Fava de Moraes afirma que sua gestão será marcada pela descentralização de decisões e pela austeridade. 'Vamos trabalhar em busca da eficácia administrativa', assegura. Outras prioridades de sua gestão são a definição de critérios de excelência e competitividade para a distribuição de verbas entre as diversas unidades da USP e a integração interdepartamental. No que se refere à carreira docente, o novo reitor diz que pretende melhorar os salários nos níveis iniciais da carreira. 'Vamos realizar uma análise histórica daquilo que a própria USP ofereceu no passado', explica. A valorização dos recursos humanos é um dos pontos fundamentais de seu projeto para a Universidade. Fava admite, ainda, estimular o regime de dedicação integral e promete adotar critérios menos rígidos na contratação de docentes durante a sua gestão.

Jornal Adusp, nº 35, outubro de 1993.

## “Fui eleito reitor sem nenhum compromisso com nenhuma pessoa”

O senhor tem tido vários encontros com representantes de entidades, diretores de unidades. Qual a finalidade desses encontros?

Eu sempre procuro ouvir da melhor maneira possível os anseios, as necessidades, os pontos de divergências e como podemos encontrar uma solução alternativa para a obtenção do consenso frente aos problemas. Todos os consensos são convencíveis. Você não pode ignorar as entidades, elas existem, devem ser ouvidas, elas são legais, elas são legitimamente constituídas e representadas de tal forma que, independente dos nomes e das pessoas, as instituições não podem ser descartadas. Os mecanismos de comunicação devem ser mantidos e a possibilidade de comum acordo e de mútuo respeito deve ser sempre procurada. Então, eu, como fui eleito reitor sem nenhum compromisso com nenhuma pessoa, porque se o projeto era de natureza acadêmica, a ética da academia envolvia exatamente não haver nenhuma negociação de interesse pessoal.

Qual será a política salarial dos docentes da USP na sua gestão?

Embora as universidades sejam autônomas, existe uma certa harmonia entre o sistema universitário paulista de que a carreira docente seja tratada isonomicamente entre as mesmas. Nesse sentido, se os salários das posições do final da carreira titulares em geral com mais de 20 anos de atividade na universidade não são maravilhosos, eles não são socialmente incompatíveis com o padrão de vida aceitável como são os salários iniciais, onde as dificuldades de sobrevivência são mais difíceis. Eu acho que os níveis salariais estão defasados dos níveis iniciais e não são maravilhosos nos índices finais, mas o problema está mais nos níveis iniciais.

O senhor declarou ao Jornal O Estado de S. Paulo que em qualquer comunidade há sempre três terços: um que trabalha, um que não trabalha e um que atrapalha. Como isso funciona na USP?

Um terço trabalha, um terço não trabalha e um terço atrapalha. Quer dizer que o aspecto rítmico dos três terços significa que em todas as organizações há pessoas que a elas muito se dedicam, outras são indiferentes, e outros, que de certa forma atrapalham a execução dos seus objetivos... e na USP tem pessoas que trabalham, que não trabalham e atrapalham, eu estou de acordo que tem,...

Jornal Adusp, nº 36, novembro de 1993.



## Gestão caracteriza-se por atos administrativos isolados

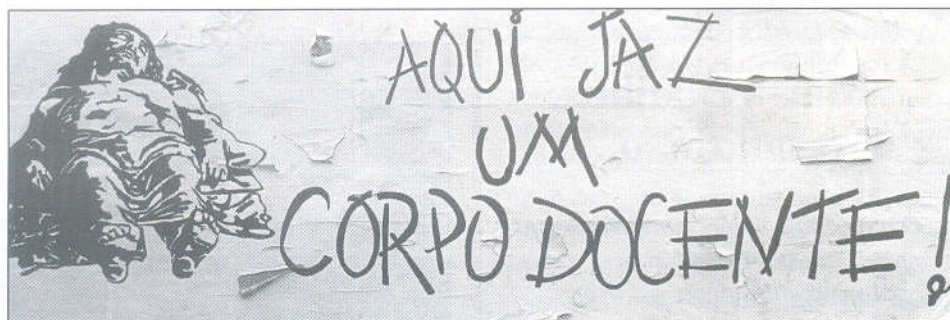
Os professores do campus de São Carlos não aceitam a alegada conotação político partidária que é atribuída a esta greve, por entenderem que o aviltamento salarial a que toda a Universidade vem sendo submetida, e as consequências daí decorrentes, são motivos suficientemente fortes para desencadear um movimento do porte deste que atravessamos e um processo de reflexão e análise deve ter como resposta medidas que apontem para o equacionamento dos problemas existentes.

A deterioração salarial levou este campus a paralisar suas atividades como forma de reivindicar a recuperação das perdas acumuladas ao longo dos anos, mas este movimento serviu também de oportunidade para analisar e refletir os vários aspectos relacionados à situação financeira e administrativa desta Universidade.

Os debates conduziram ao questionamento de aspectos extremamente importantes da vida acadêmica. A gestão da Universidade caracteriza-se por atos administrativos isolados, tais como o aumento do número de funcionários, a criação de novos Campi, Faculdades e Institutos, que ao serem inseridos no balanço geral e traduzidos em números, implicam incompatibilidade com os recursos existentes.

O achatamento salarial, resultante desse tipo de gestão, está conduzindo a um processo de sucateamento, extremamente rápido e perigoso, daquilo que é o patrimônio mais importante da Universidade: o seu corpo docente."

*Informativo Adusp, nº 1, julho de 1994.*



## O PAE é uma mãe para o reitor da USP

Para resolver o déficit de docentes na USP, o reitor Flávio Fava de Moraes instituiu um programa de aperfeiçoamento de ensino. Com este programa se propõe a contratar 756 estudantes de doutorado para dar aulas de graduação. A US\$ 180 mensais por dose horas de trabalho semanais, o programa é barato: não paga férias, 13º salário ou qualquer outro direito trabalhista. E livra o reitor de substituir docentes que se aposentam, se demitem ou são demitidos. Administração moderna é assim. Viva a produtividade.

## Pequenas autoridades

A prefeitura da Cidade Universitária recusou-se a receber ofício encaminhado pela 1ª secretária da Adusp. Enviado três vezes consecutivas, o ofício foi recusado porque, na palavra da pessoa encarregada de receber a correspondência, a secretária, docente desta universidade e cidadã deste país, não é reconhecida como porta-voz do sindicato."

*Informativo Adusp, nº 3, setembro de 1994.*

## Meneghini não convence ao explicar alterações em relatórios de avaliação

Diante do silêncio da reitoria em relação à avaliação, o Conselho de Representantes da Adusp reuniu-se com o reitor Flávio Fava de Moraes para discutir este e outros assuntos de interesse dos docentes da USP. Chamado à reunião pelo reitor, o presidente da Cert e da CPA, Rogério Meneghini, limitou-se

a dizer que não havia má-fé no encaminhamento dos ofícios. "Pode ter havido problemas de comunicação. Um erro técnico", disse ele. A diretoria da Adusp convidou o reitor da USP, Flávio Fava, e o presidente da CPA, Rogério Meneghini, para debater, em sua sede, o processo de avaliação na univer-

sidade. O encontro estava previsto para ocorrer no dia 25 de outubro, mas teve de ser adiado. A assessoria do reitor informou que ele estaria fora de São Paulo naquela data e Meneghini não aceitou vir à Adusp naquela data.

*Informativo Adusp, nº 5, novembro de 1994.*



Reunião de Fava de Moraes com diretores e membros do Conselho de Representantes da Adusp



## Intransigência, a marca dessa administração

Já temos um ano inteiro de efetivo exercício da direção da Universidade de São Paulo pela equipe do Prof. Flávio Fava de Moraes. Não vemos qualquer motivo para comemorar esta data.

O trabalho desta equipe tem se caracterizado por uma dupla face: para o lado de dentro, truculência e autoritarismo; para o lado de fora, timidez.

Em relação ao espaço inter-

no da universidade - alunos, funcionários e docentes - a postura da reitoria ficou clara quando da greve de maio passado. A tônica foi não negociar, não dialogar, não aproximar-se daquilo que eram reivindicações justas dos servidores da USP. Notável, nessa oportunidade, foi a solicitação de listas de presença de funcionários e docentes feita pela reitoria aos diretores das unidades. Ne-

gar o direito de greve através de recursos administrativos e/ou de coações jurídicas nos lembra muito uma época e uma forma de agir que todos gostaríamos de esquecer. A seqüência mostrou a mesma face. A política de recursos humanos tem se marcado pela redução do número de docentes (e funcionários), conseguida pelo não preenchimento de claros originados de aposentado-

ria, morte e pedidos de demissão. Sequer os alunos se salvam nesse processo equivocado de enxugamento: pelo contrário, estão sendo usados como mão-de-obra barata, através do PAE. Foram, também, atropelados pela proposta de novas normas para a pós-graduação em que se privilegia a rapidez à custa da qualidade."

*Informativo Adusp, nº 7, fevereiro de 1995.*

## Cruesp não atende reivindicações e rompe negociações

Não bastasse os salários dos docentes das universidades estaduais paulistas estarem muito inferiores, as negociações de data-base com o Cruesp também começaram pior que nos anos anteriores. As três reuniões - uma como os vice-reitores, outra com a comissão técnica e uma terceira com os próprios reitores da USP, Unesp e Unicamp - serviram apenas para demonstrar que o Cruesp resolveu assumir a postura de não negociar.

*Informativo Adusp, nº 10, maio de 1995.*



Greve durante a gestão Fava

### Mais trabalho. E o salário, ó... !

Os docentes estão cumprindo seu papel, enquanto os reitores preocupam-se em reduzir salários.

*Informativo Adusp, nº 10, maio de 1995*



Ocupação da reitoria durante a gestão Fava

## A Cert ataca outra vez. E erra novamente.

Mais uma da Cert. A professora Elizabeth B. Pinho (MS-2), do Departamento de Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia (IP), submeteu à Cert, em abril de 1994, relatório do estágio probatório do RDIDP devidamente aprovado pelo Conselho do Departamento e pela Congregação do IP. No parecer do relator da congregação o veredicto era "plenamente favorável a continuar como RDIDP". Ocorre que a Cert deu parecer contrário e a docente foi desligada do RDIDP retroativamente a abril de 95. Este fato, embora devesse ser encarado com indignação, já se tornou corriqueiro na USP e não impressiona mais. Desta vez, porém, teve uma surpresa: um dos motivos alegados para desligar a professora foi que "ela não contribuiu para a formação de alunos em nível de pós-graduação". A professora, no entanto, é mestre, contratada como MS-2, e, portanto, não vinculada à pós-graduação e não pode, mesmo que queira, formar alunos a este nível.

A Cert, ao fazer este tipo de análise, demonstra ter avaliado sem ler o relatório. Vale lembrar, ainda, que para fazer esta avaliação a Cert levou exatos catorze meses: o relatório da professora Elizabeth foi enviado em abril de 94 e a resposta retornou em maio de 95."

*Informativo Adusp, nº 10, maio de 1995*



## Contrato Precário Isso tem que acabar

A Adusp estará realizando dia 14 de setembro um debate para analisar propostas de encaminhamento para a extinção da contratação precária de professores na Universidade de São Paulo, hoje estimados em 2.200 (cerca de 45% do quadro). O encontro, marcado para as 17 horas no Anfiteatro de História, deverá contar com a presença de um representante da reitoria da USP. Também foram convidados docentes da Unesp e Unicamp que participaram do processo de elaboração de propostas para extinção dos contratos precários naquelas universidades. A Unicamp adotou como solução para o problema a perenização dos contratos, enquanto a Unesp seguiu o caminho da celetização (contratação via CLT).

Antes do debate a Adusp estará lançando a campanha pelo fim dos contratos precários com a apresentação de um cartaz alusivo ao tema."

*Informativo Adusp, nº 12, setembro de 1995.*



## USP Aberta

Entidades vinculadas à Universidade de São Paulo estão lançando o movimento "USP Aberta" com o propósito de reabrir o campus universitário nos finais-de-semana e debater problemas enfrentados pelos usuários.

*Informativo Adusp, nº 17, maio de 1996.*

## Aids

A reitoria da USP se nega a pagar os remédios 3TC e Saquinavir ao professor Jorge Beloqui, portador do vírus HIV.

*Informativo Adusp, nº 17, maio de 1996.*



Greve durante a gestão Fava

## Aumenta drasticamente o número de aposentados

A forma com que o governo federal encaminhou no Congresso a reforma da Previdência, visando basicamente a extinção de benefícios e a quebra de direitos adquiridos, acabou desencadeando uma verdadeira maratona no funcionalismo público em busca da aposentadoria.

Apesar de a reitoria negar entrevista ao Informativo Adusp, a diretoria da entidade efetuou pesquisa em 26 unidades da USP e pôde constatar que o número de aposentadorias aumentou em 95 e nos quatro primeiros meses de 96, em relação a 94. De janeiro a dezembro de 94, a USP concedeu, nestas 26 unidades que congregam 82% dos docentes da universidade, 71 aposentadorias. Este número salta para 153 em 95 e mais 71 entre janeiro e abril deste ano. Enquanto os doze meses de 94 registram uma média de seis aposentadorias ao mês, nos 15 meses do governo Fernando Henrique Cardoso esta média saltou para 15 aposentadorias mensais.

*Informativo Adusp, nº 17, maio de 1996.*

## Cruesp não negocia salários

O presidente do Cruesp, José Martins Filho (reitor da Unicamp), encaminhou correspondência ao Fórum das Seis afirmando "ser impossível, até o presente momento, a realização de qualquer reunião com as entidades porque há uma indefinição total dos caminhos da situação econômica nos próximos meses". Diz o texto que a situação econômica do país e em particular do estado de São Paulo constituem, como é notório, grande preocupação para as universidades como um todo, frente à queda progressiva do ICMS e ao alto grau de acometimento do orçamento com salários. Diante desta disposição do Cruesp, o Fórum das Seis estará se reunindo no dia 12 de setembro para definir os rumos de uma campanha salarial de emergência a ser deflagrada ainda neste segundo semestre.

*Informativo Adusp, nº 12, setembro de 1995.*

## Adusp

### Diretoria:

Jair Borin, Osvaldo Coggiola, Marcos N. Magalhães, Iraci Palheta, Ildo Luís Sauer, Lighia B. Horodynski-Matsushigue, José Moura Gonçalves Filho, Paulo Y. Kageyama, Antonio César Fagundes, Jairo Kenupp Bastos, Ires Dias.

### Editor:

Marcos Luiz Cripa vd  
Assistente de redação:

Eduardo Lima

### Projeto Gráfico:

Argeu Godoy

### Edição de arte e diagramação:

Luís Ricardo Câmara

### Revisão: Cláudia Krauss

Secretaria: Alexandra Carillo e

Aparecida de Fátima dos Reis Paiva

### Distribuição: Marcelo Chaves

e Walter dos Anjos

Tiragem: 6.500 exemplares

Periodicidade: mensal

Filmes: Bureau Bandeirante

Impressão: Gráfica Poolprint

Adusp-S.Sind.: Av. Prof. Luciano

Gualberto, trav. J, nº 374

05508-900 - São Paulo - SP

Tel: (011) 813-5573

Fax: (011) 814-1715

e-mail: aduspsp@org.usp.br



## Reitor transforma-se em captador de financiamentos do Banco Real

Não bastasse negar a reposição das perdas salariais na última negociação de data-base, a reitoria da Universidade de São Paulo ufana-se de um convênio firmado com o Banco Real como o propósito de "tirar a corda do pescoço" dos professores e dos funcionários. Destaque da página dois do informativo Espaço Aberto, da Coordenação de Comunicação Social da Reitoria (CCS), trata o convênio como uma boa notícia. E ela pode ser, mas para o Banco Real. A finalidade, afirma o gerente da agência no campus Butantã, é oferecer recursos financeiros para os servidores da USP, mesmo aposentados, sem avalista, em até 12 parcelas e com juros pré-fixados de 4,5% ao mês. Tudo muito simples, segundo o informativo da reitoria. Não é preciso sequer ser correntista, nem abrir conta no banco.

O reitor Flávio Fava de Moraes, entrevistado sobre o convênio, incentiva o empréstimo, como se tratasse de uma corrente da felicidade. Segundo ele, quanto maior o número de interessados, maiores as vantagens para os servidores, que não precisarão mais recorrer a agiotas - externos (acrésimo nosso) - para saldar seus compromissos. Se, ao invés de se colocar como captador de empréstimos do Banco Real, o reitor tratasse os servidores desta universidade com o respeito que eles merecem, repondo as perdas salariais e definindo um projeto de universidade de interesse realmente público, professores e funcionários não estariam nas mãos de agiotas e muito menos com "a corda no pescoço", como frisa o informativo da CCS."

Informativo Adusp, nº 19, setembro de 1996.

## Intransigência do Cruesp leva professores à greve

A intransigência e a falta de sensibilidade dos reitores da USP, Unesp e Unicamp levaram docentes e funcionários a deflagrar a quarta greve dos últimos nove anos (88,91,94 e 96). Mesmo reconhecendo que as perdas do ano passado são bem maiores, Arthur Roquete Macedo (Unesp-presidente do Cruesp), José Martins (Unicamp) e Flávio Fava de Moraes (USP) insistem num reajuste salarial de apenas 7,63%. Com esse "aumento", o salário de maio, creditado no início deste mês, calculado pelo ICV-Dieese, é aproximadamente 18% menor, em valores reais, que o salário de maio de 95. Não bastasse a apresentação de índice tão insignificante, os reitores deram as negociações salariais de data-base por encerradas. O presidente do Cruesp negou nova reunião para debater um novo índice e o reitor da USP viajou para o exterior logo após a deflagração do movimento de paralisação da Universidade de São Paulo.

Informativo Adusp, nº 18, junho de 1996."



Túmulo de Fava construído por manifestantes durante enterro simbólico do reitor

### "Visita" ao reitor

Ao final da Assembléia Geral de quinta-feira, 13/6, após a deliberação pela continuidade da greve, um grupo de docentes desceu do anfiteatro da História em direção à reitoria, no intuito de fazer ver ao reitor Fava a necessidade de abertura das negociações efetivas por parte do Cruesp com o Fórum das Seis. A porta da reitoria foi fechada, enquanto os responsáveis pela segurança consultavam o gabinete sobre a disposição do reitor em nos receber. Após espera de cerca de 30 minutos, os 60 professores presentes puderam entrar, se reunindo com o reitor no saguão anterior ao seu gabinete.

A primeira reação do reitor foi repetir que o Cruesp só poderia discutir a questão salarial no dia 10/7, depois da deliberação da Assembléia Legislativa sobre a LDO."

Boletim da Greve nº 4, 17 de junho de 1996.

### Descaso e incompetência

Além de vontade política para re-manejar recursos e priorizar a questão salarial, estão faltando às reitorias da USP, os recursos previstos na Lei de Diretrizes Orçamentárias para este ano de 96. No caso específico da USP, o sintoma do descaso do reitor Flávio Fava de Moraes é visível. Ao tomar conhecimento de que professores e funcionários desta universidade estão recorrendo a agiotas — em função dos baixos salários —, ele firmou convênio com o Banco Real, oficializando a agiotagem. A partir de agora, docentes e funcionários podem tomar empréstimos a juros de 69% ao ano.

Informativo Adusp, nº 19, setembro de 1996.



## Editorial

Durante nossa greve, o reitor da USP afirmou, diante de 60 docentes, que no dia 10/7 o Cruesp retomaria negociações relativas ao reajuste salarial de data-base como o Fórum das Seis. Afirmiação semelhante foi feita pelo reitor da Unesp. Os Conselhos Universitários da USP e Unesp indicaram claramente aos respectivos reitores que o Cruesp deveria abrir as negociações. O reitor da USP mencionou que o espaço para negociação dependeria do descongelamento das verbas à mobilização de docentes, funcionários e estudantes. O objetivo do Cruesp na LDO-97 foi atingido (o nosso, não, e para tanto contribuiu a atuação de bastidores do reitores). As informações sobre a arrecadação e a relativização das atividades econômicas são todas favoráveis. Enfim, o cenário perfeito para que no dia 10/07 a negociação salarial de data-base fosse retomada.

Ledo engano - os reitores não têm compromisso com suas afirmações públicas. Não houve negociação do Cruesp com o Fórum das Seis; houve apenas uma reunião com a comissão técnica e, a bem da verdade, dispensável. Bastaria que as planilhas distribuídas na reunião fossem encaminhadas às entidades com um maior detalhamento das informações nelas contidas."

Boletim Adusp de 15 de julho de 1996.



Manifestação durante uma das greves na gestão Fava

### A saúde e a insensibilidade da reitoria.

O Magnífico Reitor deve estar em campanha para eleger seu sucessor no próximo ano.

Na data base, em maio deste ano, a correção de nossos salários ficou 10% abaixo da inflação FIPE. Ou seja, por este índice inflacionário conservador, perdemos 10% do valor real de nossos rendimentos diretos.

Mas como isto não era o bastante, com a Portaria GR 3035, publicada no DO de 23/10/96, o Magnífico Reitor manda às favas o atendimento de saúde (previsto na Portaria da gestão anterior, publicada em 08/05/92) a pais e irmãs que constem como dependentes na declaração de renda de docentes, discentes e servidores da USP."

Boletim Adusp Extra, novembro de 1996.

### Fundação USP oferecerá seguro-saúde privado

A Fundação USP (FUSP), entidade de direito privado e portanto autônoma em relação à universidade, pretende criar um seguro-saúde para os seus membros e estendê-lo aos docentes e funcionários da USP. Segundo Cicely Moitinho Amaral, professor da FEA e diretor financeiro da FUSP, o projeto é de conhecimento do reitor Flávio Fava de Moraes. A extensão aos professores e funcionários da universidade será optativa e custará em torno de R\$ 70,00 por pessoa. Ainda segundo Cicely Amaral, não previsão de tempo para a implantação do seguro-saúde. "Estamos em fase de negociação", disse. O tema deste seguro-saúde foi levantado no debate com os reitoráveis que a Adusp promoveu no dia 18 de setembro. Segundo o professor Cicely Amaral, responsável pela elaboração do projeto, o seguro-saúde não está sendo feito pela USP e muito menos com o envolvimento de qualquer dos candidatos a reitor.

Até o momento, a empresa preferencial para gerenciar o plano é a Seguro-Bradesco. Sudameris e Porto Seguro foram consultadas, mas a preferência recaiu sobre a Seguro-Bradesco em função desta empresa já atender a Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) e a SBF (Sociedade Brasileira dos Físicos).

Informativo Adusp nº 24, outubro de 1997.



Manifestação em frente à Secretaria de Ciência e Tecnologia durante a gestão Fava



## Reitor apela para Lei de Imprensa

O reitor da USP, Flávio Fava de Moraes, apoiado no artigo 40, inciso I, letra b, da Lei de Imprensa -resquício da ditadura militar- representou junto ao Ministério Público do Estado de São Paulo (MP) contra o presidente da Adusp, Marco Brinati. O reitor sentiu-se atingido pela matéria paga assinada pela Adusp e veiculada na Folha de S. Paulo em 15 de julho do ano passado. Sob o título "Reitor da USP rompe compromisso", a Adusp, por decisão de assembléia, retrata um encontro mantido pelo reitor com cerca de 60 professores durante negociação de data-base.

O texto publicado na Folha mostra que, em junho daquele ano, o reitor comprometeu-se a reabrir negociações salariais e rever o reajuste de data-base no dia 10 julho, após aprovação da Lei de Diretrizes Orçamentárias que naquela ocasião estava em tramitação na Assembléia Legislativa. Na data marcada, no entanto, os reitores não compareceram à reunião de negociação, rompendo o compromisso assumido diante dos 60 docentes da universidade.

Informativo Adusp, nº 21, abril de 1997.

## Arquivada representação contra ex-presidente da Adusp

O juiz de direito do Departamento de Inquéritos Policiais e Polícia Judiciária (DIPO), Nelson Pachcoal Biassi Júnior, atendeu solicitação do promotor Mauricio da Silva e arquivou representação contra Marco Brinati, ex-presidente da Adusp.

Em seu pedido de arquivamento do processo, o promotor Mauricio da Silva diz que: "em nenhum momento se vislumbrou a intenção consciente de atingir a pessoa do reitor, em particular. Apenas, talvez, como 'pressão' e como satisfação a todos os professores que ali militam é que a matéria foi publicada". Desta forma, afirma o promotor, ela (a matéria) não pode ser taxada como ofensiva. Em outro trecho de sua solicitação ao juiz, o promotor Mauricio da Silva diz que a democracia, sem dúvida, permite que críticas, insatisfações ou reivindicações venham à tona."

Informativo Adusp, nº 24, outubro de 97.



Protesto contra a política salarial da USP

## Reunião com a comissão do Cruesp

No dia 25/9, às 16 horas, representantes do Fórum das Seis reuniram-se com a Comissão de acompanhamento da evolução do ICMS e dos salários, na Secretaria de Ciência e Tecnologia.

A ladainha foi a de sempre: não há "espaço" para um reajuste salarial.

No entanto, os dados mostram que a situação é melhor do que as previsões do CRUESP que originaram o mísero reajuste de 7,63%. Além disso, foi mudada a LDO: em 97 não haverá mais o redutor que existe em 96.

Os técnicos das reitorias CONCORDAM. PORÉM, a Secretaria da Fazenda não está aplicando direito a LDO: o cálculo do repasse deveria ser feito levando em conta o acumulado da arrecadação ao longo do ano e não mês a mês, como o governo vem fazendo.

Confirmando os dados da tabela divulgada no Informativo ADUSP número 19, só com esta manobra o governo do Estado já sonou cerca de 18 milhões de reais da receita das estaduais paulistas. ATÉ AGORA. Quando dezembro chegar, deve ser por volta do dobro disto."

Boletim Adusp Extra, setembro de 1996.

## Operários cercam a reitoria da USP

Durante cinco horas, a reitoria da USP foi cercada por operários que protestavam contra a empreiteira Link. A empresa atrasou o pagamento e não forneceu alimentação no refeitório instalado na Cidade Universitária. Apesar de as obras terem sido contratadas pela USP, sob responsabilidade da Fundusp, a vice-reitora se negou a receber os operários.

Informativo Adusp, nº 21, Abril de 1997.

## Caso Daniel

Um garoto de 15 anos morreu na raia da USP no domingo de Finados, em circunstâncias que estão sendo apuradas. Este grave acidente desencadeou uma série de críticas sobre a atual gestão da Reitoria da USP. Na quinta-feira, após o enterro, foi realizado um Ato de Protesto e de Reflexão sobre a Violência no Campus. Cerca de 300 pessoas, entre professores, alunos, funcionários e populares participaram do evento. Infelizmente, por razões já difundidas e comentadas pela imprensa, cerca de 40 garotos que participavam das manifestações acabaram quebrando algumas vidraças de prédios e incendiando três guaritas da USP. A política de exclusão social está na raiz destes tristes episódios. Só o reitor e alguns poucos professores não vêem isto. Eles preferem ignorar esta dura realidade e manter a crença absurda de que o simples isolamento da Universidade irá preservá-la da fúria dos excluídos e marginalizados.

Informativo Adusp, nº 21, Abril de 1997.